

O USO DE EXPRESSÕES REFERENCIAIS EM TEXTOS DE ESTUDANTES PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

*José Olavo da Silva Garantizado Júnior**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como as expressões referenciais que proporcionam a quebra da continuidade textual contribuem para a constituição da coerência/coesão em textos dissertativo-argumentativos de estudantes pré-universitários. A base teórica que sustentará nossa análise será a desenvolvida por Custódio Filho (2006) sobre as (in)adequações referenciais em textos de estudantes aprendizes, assim como a visão de Cavalcante (2011) e Garantizado Júnior (2011) sobre o fenômeno da coerência/coesão. Metodologicamente, nossa pesquisa é documental, uma vez que utilizaremos textos produzidos por estudantes pré-universitários em situação de prova simulada para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Os resultados apontam que os processos referenciais, como defende Garantizado Júnior (2011), são fundamentais para a constituição da coerência textual e, também que, teoricamente, algumas inadequações cometidas pelos estudantes podem ser explicadas à luz dos estudos referenciais.

Palavras-chave: Expressões referenciais. Coerência Textual. Prática de Texto.

ABSTRACT

This study aims to analyze the referential expressions that provide the breakdown of textual continuity contribute to the establishment of coherence / cohesion dissertative-argumentative texts of pre-college students. The theoretical basis that will support our analysis will be developed by Custódio Filho (2006) on the (in) adequacy references in texts of apprentices students, as well as the vision of Cavalcante (2011) and Garantizado Júnior (2011) on the consistency phenomenon / cohesion. Methodologically, our research is documentary, since we use texts produced by pre-university students in simulated race situation for the National Secondary Education Examination (Enem). The results indicate that the reference processes, as advocated Garantizado Júnior (2011), are fundamental to the creation of textual coherence and also theoretically some inadequacies committed by students can be explained in the light of the reference studies.

Keywords: Expressions references. Textual coherence. Text practice.

* Professor Adjunto do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). olavogarantizado@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, intensificaram-se as preocupações acerca das problemáticas que envolvem o processo de ensino da prática de texto nas escolas brasileiras. No final do ensino médio, nosso aluno se submete a um processo seletivo denominado de Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), cuja prova de produção textual, denominada de “Redação” pelo Edital do certame, exige que o sujeito faça um texto dissertativo-argumentativo com uma tese expressa, argumentos sólidos e que se relacionem com outras áreas do conhecimento, uso de estratégias argumentativas consistentes para provar o ponto de vista elencado na tese inicial, uso do padrão da gramática normativa e, por último, intervenção social que não fira os Direitos Humanos na conclusão. Todos esses critérios são determinados na Matriz de Referências da Prova de Redação do Enem, um documento em que temos todos os critérios de avaliação do texto. Infelizmente, o que se percebe, ano após ano, é que a redação no Enem é um diagnóstico de o quão nosso estudante não consegue chegar aos objetivos exigidos pela prova. Pode-se citar, por exemplo, o ano de 2014, quando mais de 529 mil pessoas que fizeram o exame obtiveram a nota zero por não compreenderem a proposta de redação e, desse modo, foram automaticamente excluídas do processo de seleção das instituições públicas que seguem o Sistema de Seleção Unificado (Sisu).

Cientes dessas dificuldades, nos últimos anos os estudos de linguagem, em especial os que seguem a orientação da Linguística de Texto, preocuparam-se em desenvolver pesquisas teóricas de ponta que pudessem contribuir com a prática de produção de texto, orientações de interpretabilidade e sobre a ação de “ensinar docentes a ensinarem”. Dentro desses estudos, merecem destaque os achados desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Protexto (UFC-CE), sob a coordenação da Profa. Mônica Magalhães Cavalcante (UFC/CE), cujas linhas norteadoras estão em torno de trabalhos sobre coerência textual, intertextualidade, heterogeneidade, argumentação e, principalmente, referenciação. É nesse contexto que surgiram as pesquisas de Cavalcante (2011), sobre uma reformulação dos processos referenciais (uma simplificação das categorias de análise); o trabalho de Custódio Filho (2006), que analisou as (in)adequações dos processos referenciais em textos de estudantes pré-universitários e, também, nossa dissertação de mestrado (GARANTIZADO JÚNIOR, 2011), em que desenvolvemos uma noção preliminar de consideração da coerência/coesão, considerando-se aspectos situacionais, cognitivos, culturais e sociocognitivos.

Com efeito, neste trabalho, apresentaremos os resultados teóricos e analíticos de uma das seções de nossa dissertação de mestrado (GARANTIZADO JÚNIOR, 2011), que objetivou demonstrar, a partir da perspectiva teórica de Custódio Filho (2006), como as expressões referenciais podem proporcionar a quebra da continuidade de um tópico iniciado e, mesmo assim, promover a constituição da coerência/coesão. Dessa forma, este artigo é relevante para os estudos da linguagem por promovermos a discussão teórica sobre os usos “adequados” e os “inadequados” que nossos estudantes apresentam em suas produções textuais e que, de alguma maneira, os professores corretores consideram como “correto” ou “incorreto”. Além disso, esperamos fomentar uma discussão acerca da prática pedagógica do ensino de produção de texto, tomando como base os eventuais usos no *corpus* em análise.

1 OS PROCESSOS REFERENCIAIS E A COERÊNCIA TEXTUAL

Quando falamos em produção e compreensão textual, sem dúvida um dos temas mais citados é o da referenciação. Segundo Marcuschi (2008), tal assunto continua sempre sendo desenvolvido a partir de suas relações com outros fenômenos linguísticos, tais como a questão da continuidade tópica e a questão da coerência textual. Por conta disso, segundo o pesquisador, se quisermos analisar como se constitui os processos referenciais, devemos levar em conta tais fenômenos.

Para isso, defendemos a noção de linguagem como atividade sociocognitivista. A consequência disso é que a cultura, as experiências dos sujeitos, os aspectos situacionais e a interação possibilitam que haja mudanças na determinação referencial. De acordo com Custódio Filho (2006), o estudo dos referentes enveredou por um caminho diferente a partir da proposta teórica denominada *referenciação*. O pesquisador acrescenta que a concepção sociointeracionista, ao postular que, no texto, dá-se por meio da linguagem a discretização do mundo, que resulta obrigatoriamente de uma elaboração cognitivo-social, toca na questão fundamental de que os referentes textuais (ou objetos-de-discurso) não são representações extensionalistas dos fenômenos empíricos. Em outras palavras, a referenciação apresenta como posição central a ideia de que a experiência perceptual é elaborada, cognitiva e socialmente, dentro do processo discursivo, pelos interlocutores.

Cumprir dizer que, em nosso trabalho, a expressão *referenciação* será usada no lugar de referência, pois esta sugere que os objetos-de-discurso¹ estão à margem do uso, além de dar uma ideia de que estes são constituídos a partir de uma relação pré-fabricada entre a realidade e o mundo. Acerca disso, Custódio Filho (2006) comenta que a mudança de nomenclatura (de *referência* para *referenciação*) não é apenas estética. A ideia de referenciação engloba os estudos dos fenômenos textuais em um contexto bem mais abrangente, o da sociocognição, que não era considerado nos trabalhos iniciais sobre referência. A referenciação constitui, portanto, uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição e sobre escolhas significativas para representar estados de coisas, de modo condizente com a sua proposta de sentido.

Marcuschi (2000) propõe que a **referência** e a **coerência** apontam para dois aspectos centrais da produção de sentido no texto. Contudo, mesmo ambos os fenômenos sendo de algum modo codependentes, não se pode determinar uma hierarquia de relevância entre ambos. Dessa maneira, embora se interpenetrem, são duas noções bastante diversas. Isso se confirma no fato de haver casos em que a referenciação de um elemento só é inferível a partir de estratégias globais sugeridas por atividades mentais, como no caso de referentes de pronomes sem antecedente explícito. Quanto a isto, defendemos que, **mesmo havendo antecedentes explícitos, em todos os casos ocorre a construção de um referente inferível a partir de uma estratégia global por atividades mentais**. O autor considera que a referência providencia pistas sugestivas para a produção de sentido, e a coerência é o aproveitamento dessas sugestões para a elaboração de sentidos específicos em modelos

¹ À luz da proposta da referenciação, como fora proposto por Mondada e Dubois (2003), neste trabalho, a terminologia *expressão referencial* será entendida como sendo uma entidade que é construída na atividade discursiva e é resultante da elaboração perceptual do referente. Este nos remete a uma dada expressão referencial, que, na verdade, é uma entidade do discurso. Devido a isso, Mondada e Dubois sugerem que o referente seja denominado de *objeto-de-discurso*.

representacionais. Ele chama a atenção para o fato de não devermos considerar a referenciação como um processo eminentemente local, assim como a coerência deve ser vista como um processo mais global, pois:

certamente, haverá casos em que a inferenciação dependerá de uma atividade global e não se dá por relações imediatas nem na simples identificação de referentes. Isto sugere que, em boa medida dos casos, coerência e referenciação são atividades imbricadas e essencialmente codeterminadas, realizando-se tanto global como localmente (MARCUSCHI, 2000, p. 9).

Dessa maneira, não se pode desconsiderar que o fenômeno da referenciação contribui para a construção dos sentidos em um texto, logo da coerência textual. Todavia, essa perspectiva teórica dos estudos em Linguística de Texto é um dos mais desafiadores e provocantes; além disso, temos um vasto campo de atuação e, principalmente, múltiplas abordagens classificatórias que visam à descrição dos tipos de expressões referenciais.

Custódio Filho (2006) trabalhou com a questão da (in)adequação das expressões referenciais em textos escolares de alunos aprendizes. O pesquisador, em seu trabalho, apresentou as limitações existentes nas propostas de Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi (2000) e Koch (2004) e sugeriu uma mudança na proposta de Cavalcante (2003), proporcionando a ampliação por ele proposta quanto às anáforas com retomadas. Em seus achados, o pesquisador apresentou uma série de exemplos de casos de anáfora correferencial pronominal. Baseado em algumas expressões referenciais encontradas no trabalho de Antunes (1996), Custódio Filho concluiu que podemos ter casos em que um mesmo objeto-de-discurso pode ser representado sob pontos de vista distintos, inclusive quanto ao aspecto morfológico das representações. Os casos analisados por Custódio Filho (2006) apresentavam características distintas da anáfora pronominal clássica, em que não havia “assimetria” de flexão entre o anaforizado e o anafórico. Isso fez com que ele julgasse necessário que o fenômeno tivesse uma designação própria, de forma que se indicasse a sua peculiaridade. Então, ele sugeriu (numa perspectiva funcional) a designação de **anáfora correferencial pronominal com disjunção flexional**. Tal designação Custódio Filho reconhece que pode ser provisória. Para confirmarmos isso, observemos os exemplos abaixo, presentes em Custódio Filho (2006, p. 72):

(1) O dinheiro trás desenvolvimento para a nação. Felicidade para milhares de famílias, porque eles não precisariam viver tão sacrificados. (texto produzido por aluno pré-vestibulando)

(2) O dinheiro hoje em dia, pode trazer felicidade para muita gente carente que existe no país, dando a eles uma certa melhora na condição familiar e esperança na vida. (texto produzido por aluno pré-vestibulando)

O autor reconhece que os exemplos acima são casos de anáfora correferencial pronominal, mas que apresentam uma característica distinta da anáfora pronominal clássica, em que não há “assimetria” de flexão entre o anaforizado e o anafórico. A expressão “milhares de famílias” é retomada por “eles” de maneira assimétrica, sem a concordância de gênero e número. O mesmo ocorre com “muita gente carente que existe no país”, que é retomado por “eles”. Por conta disso, o

autor julgou necessário que o fenômeno que ele analisou tivesse uma designação própria, de forma que se indicasse a sua peculiaridade. Assim, ele sugere a designação de anáfora correferencial pronominal com disjunção flexional, que aceitamos nesta pesquisa.

Com relação aos aspectos de investigação acerca das principais inadequações ocasionadas nos textos dos alunos, Custódio Filho (2006) inicia suas análises falando das expressões que proporcionariam quebra na continuidade textual. Dessa maneira, ele busca analisar as expressões referenciais responsáveis pela abertura de um tópico que não é continuado ao longo de um texto. Acerca disso, percebemos a estreita relação entre o tópico discursivo e os fenômenos da referenciação - como propõe Cavalcante (2011). Isso apenas reforça nossa ideia de que tanto as expressões referenciais quanto a manutenção tópica são fenômenos que merecem ser vistos como propiciadores da coerência, se o texto que o pesquisador estiver analisando for com a sequência argumentativa. Essas relações foram perfeitamente percebidas por Custódio Filho (2006) que, em seus achados, observou que o problema não estava na expressão referencial em si, mas na quebra de expectativa de manutenção de um objeto discursivo. Assim, o pesquisador propõe que se tratava de um problema exclusivamente da alçada da referenciação, já que envolvia também a continuidade tópica. Corroborando as propostas de Custódio Filho (2006), Alencar (2009) e Cavalcante (2011), diremos que **os tópicos são estabelecidos a partir dos objetos-de-discurso**. Diante disso, continuidade textual é também da alçada da referenciação.

No *corpus* de Custódio Filho (2006), o exemplo para essa quebra de continuidade presente em sua pesquisa foi o seguinte texto:

(3):

No Oriente Médio pessoas vivem isoladas de suas próprias famílias, vizinhos e amigos. Como pode uma mulher que mora no Marrocos ter que passar 24 horas coberta não podendo mostrar seu corpo, seu rosto e até mesmo seus cabelos.

Mulheres não tem o direito de escolher seus próprios maridos, nunca casam-se por amor mas por interesses familiar, não tem o direito de ser autônomas e sempre tem que ser submissa aos homens.

Existem muitas desigualdades sexuais e sociais, lá o homem pode se casar com várias mulheres e forma várias famílias ao mesmo tempo, enquanto que as mulheres se traírem pode ser chicotiada ou pedrejada a praça pública.

Existem varias intoleranças culturais até hoje neste pais, muitas precisam ser mudadas tornando a comunidade mais feliz, principalmente as mulheres que vivem apenas para satisfazer os homens, sem qualquer direito mas com varios deveres. (R72)

O argumento usado pelo pesquisador para a quebra de continuidade textual foi o fato de a ocorrência da expressão referencial “pessoas” ser o predicado de que elas “vivem isoladas de suas próprias famílias, vizinhos e amigos”. Dessa maneira, ele julgou que se tratava de um objeto-de-discurso relevante no plano textual, já que fazia parte de um argumento apresentado logo na introdução (e na primeira frase). Por isso, seria esperado que esse referente fosse continuado no texto, o que, se levamos em conta a noção de continuidade como manutenção de referente, não acontece.

Além disso, a expressão referencial “pessoas”, de certa forma, pode ser ancorada posteriormente no texto por meio de uma relação anafórica indireta com a expressão referencial “uma mulher que mora no Marrocos”. Isso se justifica pelo fato de sobre esta se predicar “algumas coisas” e, ao longo do texto, termos uma série de alusões a essa expressão, por meio de expressões anafóricas e de novas predicções. Entende-se, dessa maneira, que a expressão “pessoas” é correferencial em relação a “uma mulher”, proporcionando uma inadequação do uso das expressões referenciais, já que teríamos o referente “uma mulher” e suas anáforas, e nada é predicado em relação ao isolamento de seus familiares, vizinhos e amigos. O que se predica está no campo da submissão ao marido, a que a mulher marroquina (que não pode ser correferencial ao referente “pessoas” do Oriente Médio) está exposta. No entanto, acerca da relação existente entre as expressões referenciais apresentadas e a inadequação do uso delas no texto em destaque, o pesquisador argumenta:

a se julgar sob essa ótica, o exemplo (...) representaria, portanto, uma quebra de continuidade. Entretanto, pode-se levar em conta o fato de que as relações anafóricas não se estabelecem apenas no plano da estrita correspondência correferencial. Tomando-se esse argumento como base, seria plausível considerar que a expressão “uma mulher que mora no Marrocos” é uma anáfora parcial de “pessoas”, e que todas as predicções sobre a primeira expressão constroem de forma indireta uma situação de isolamento, o que se conecta à predicção construída para a expressão “pessoas”. Dessa forma, a continuidade estaria mantida, e a inadequação seria refutada, portanto. (CUSTÓDIO FILHO, 2006, p. 98)

Como percebemos, com a citação acima, o pesquisador reconhece que as expressões referenciais estariam sendo usadas por meio de uma relação de anáfora parcial, o que as faria ter sentido e, assim, estariam propiciando a carência textual.

Outra possibilidade de termos a quebra da continuidade textual seria quando o texto traz um referente pela primeira vez, no entanto mostrando-o como se já tivesse aparecido anteriormente, proposta defendida por Costa Val (2006) e seguida por Custódio Filho (2006).

Atentemos para o exemplo retirado de Custódio Filho (2006):

(4):

A redução da maioridade de 18 para 16 anos é, hoje, um dos principais assuntos do nosso país. A sociedade não aguenta mais ser vítima desses assassinatos que ainda são considerados crianças.

Mais são essas crianças, que são responsáveis pelos crimes mais bárbaros do nosso país. E aí pergunto a vocês, se ainda são consideradas crianças, como terão cabeça e responsabilidade para cumprirem uma pena?

É só pensármos um pouco, se tiveram cabeça para planejar um assassinato eles tem cabeça e responsabilidade o suficiente para cumprir a penalidade dada pela justiça.

Não é justo, que um adolescente mate e no lugar de ir para a cadeia vá seus pais, ou passem 2 anos no máximo na Febem e voltem a conviver com a sociedade como se não tivesse acontecido nada.

Os adolescentes de hoje sabem muito bem o que fazem e o que é certo e errado. Mas também não adianta se falar de pena de morte, o que se deve fazer é trocar o sistema da polícia onde existem mais assassinos e traficantes (CUSTÓDIO FILHO, 2006, p.97).

Na redação acima, Custódio Filho (2006) destacou o aparecimento das expressões marcadas como outra possibilidade de termos uma dupla análise para a adequação da expressão. Para ele, seria como se tivéssemos uma motivação prévia para o seu aparecimento. Dessa maneira, o pesquisador, pensando na sua provável adequação, defende que a expressão “crimes mais bárbaros de nosso país” atua como âncora para a anáfora indireta “mais... traficantes”. Trata-se de um argumento bastante plausível, principalmente porque uma das características da anáfora indireta é exatamente a apresentação de um referente novo sob o modo do conhecido. No entanto, a hipótese é refutada pelo pesquisador, pois, segundo ele, seria forçoso considerar, no caso em questão, por exemplo, que o texto trata da criminalidade cometida por menores de idade especificamente em relação a assassinatos, pois em nenhum momento falou-se, no texto, do tráfico de drogas. Logo, analisando-se sob esse prisma, a expressão “mais... traficantes” quebra a continuidade esperada de acordo com o plano textual desenvolvido. Esse argumento é perfeitamente comprovado, pois, embora seja uma das características da anáfora indireta apresentar uma entidade ainda não manifesta no cotexto, esta precisaria ser de alguma forma prevista, a fim de que seu processamento fosse efetivado. E não seria apenas uma provável âncora que garantiria esse grau de previsibilidade.

Com muita propriedade, Custódio Filho (2006) explica, em seu trabalho, dois exemplos que, de certa forma, podem ser vistos como adequados, levando-se em conta os fenômenos da referencialização, já que estes nos possibilitam que a informação seja ancorada e, dessa maneira, tenhamos continuidade tópica. Essa questão, para nós, é importantíssima, pois o pesquisador, justificando os motivos pelos quais usou os dois exemplos anteriormente apresentados por nós, nos diz que

o fato de apresentarmos a análise dos dois itens acima como controversa é mais um sinal de que a questão da inadequação, para que seja compreendida em profundidade, necessita de que se ponham as ocorrências para serem avaliadas a partir de diversos prismas, a fim de se poder depreender com mais profundidade o que é considerado como adequado ou inadequado e quais são as justificativas para tal julgamento (CUSTÓDIO FILHO, 2006, p. 99).

A partir dessa visão, o autor traz duas importantes reflexões, que julgamos importante apresentar:

- a) Há, de fato, expressões que resultariam em quebra de continuidade referencial, uma vez que se assume a possibilidade de a continuidade ser estabelecida por relações que não apenas as de manutenção referencial.
- b) O fato de se perceber uma relação anafórica parcial num texto como o primeiro analisado é suficiente para que se aceite a estratégia utilizada como adequada?

Essas questões levantadas por Custódio Filho (2006) tiveram como consequência um posicionamento por parte do autor que, de certa forma, assemelha-se com o pensamento atual dos membros do Grupo de Estudos em Linguística PROTEXTO (UFC) e, obviamente, o nosso:

para se estabelecer referências bem sucedidas no plano da compreensão textual, não basta apenas utilizar estratégias que possibilitem o processamento das expressões, ou analisar apenas as relações entre expressões pertencentes a uma mesma cadeia

coesiva. A nosso ver, entrariam outras questões nessa tarefa, por exemplo: o esforço do receptor para realizar a contento o processamento, e o conhecimento do enunciador em relação a quais expressões o receptor espera que sejam continuadas e de quais este não tem essa expectativa (CUSTÓDIO FILHO, 2006, p. 101)

O pesquisador reconhece que nem sempre os sentidos estarão sendo estabelecidos na superfície textual. Assim, o processamento de uma determinada informação deve ter associado a ela uma série de fatores que, de certa forma, serão amalgamados involuntariamente pelo receptor a fim de que este possa entender uma dada mensagem como coerente. No entanto, em textos de caráter argumentativo, como é o caso do corpus de Custódio Filho (2006), o uso de expressões referenciais será frequente e, para nós, indispensável, pois os processos referenciais possibilitam diretamente a constituição do que propomos ser coerência/coesão. Assim, na próxima seção, analisaremos como os processos referenciais, principalmente os de quebra da continuidade tópica, foram observados em nosso *corpus*.

2 ANÁLISE DO USO DE EXPRESSÕES REFERENCIAIS NOS TEXTOS DE ALUNOS PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

Seguindo as orientações de Custódio Filho (2006), percebemos que a quebra da continuidade, provocada por expressões referenciais, esteve presente nos textos dos alunos pré-universitários que analisamos. Em muitos momentos, percebemos alguns casos em que a continuidade textual foi prejudicada pela não continuidade de um tópico que fora introduzido a partir de uma expressão referencial. Um exemplo disso é a redação abaixo:

(5):

O percentual de desigualdade tecnológica é muito grande no Brasil. Pois, apesar do grande consumo das classes médias e das altas, há muitos brasileiros que nunca tiveram contato com nenhum tipo de um artigo moderno.

Os principais fatores que fazem com que isso aconteça são a má distribuição de renda e a falta de interesse do governo na inclusão digital. Pois como esses bens tem um valor muito alto a população carente acaba não tendo condições para compra-los.

Tem meio de comunicação tecnológica bastante conhecida é a internet. Porque muitos cidadãos que não tem como adquiri-la podem usá-la em locais que o acesso é vendido pela hora.

Para tornar o nosso país mais avançado temos que diminuir as desigualdades. Porque se uma parte da população tiver acesso a tecnologia e outra não crescerá ainda mais a exclusão social. E com isso vários outros problemas aparecerão, como o preconceito (RED1).

Percebemos que a expressão referencial “um artigo moderno” aparece, assim como no exemplo de Custódio Filho (2006), logo na introdução. No entanto, essa expressão referencial inicia um tópico o qual aparentemente não será mais desenvolvido. O que faz com que o texto se mantenha com sentido e ocorra uma continuidade do tópico é o fato de algumas expressões referenciais estarem sendo ancoradas de maneira indireta, constituindo uma relação anafórica indireta. De maneira

semelhante, o pronome “isso”, no segundo parágrafo, é um anafórico encapsulador do conteúdo de todas as informações contidas no primeiro parágrafo do texto, continuando uma informação que, como vimos, não foi desenvolvida, já que o tópico central iniciado não foi retomado diretamente. O uso desse pronome reforça a ideia de que, em algumas situações de uso, as expressões referenciais são usadas de maneira “inadequada” do ponto de vista gramatical, mas estabelecem relações de sentido no texto, mesmo que indiretamente.

Segundo a proposta de Cavalcante (2011), as anáforas indiretas apresentam, como um dos elementos básicos, o fato de as âncoras textuais serem decisivas para a interpretação dessas anáforas. Isso se dá pelo fato de haver o estabelecimento de certas pontes entre as informações já dadas e as novas, o que permite aos referentes serem ativados pelos processos cognitivos inferenciais, mobilizando, assim, os conhecimentos armazenados na memória dos indivíduos. Isto é, a interpretabilidade ocorre referencialmente, mesmo não havendo um antecedente explícito no cotexto. Assim, o que ocorre na interpretação do texto nada mais é do que um processo de referenciação implícito. Também são características da anáfora indireta a presença de expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes na sua realização, e a inexistência de relação de correferência entre a anáfora e sua âncora ao longo do texto.

Entendemos que, quando o produtor nos fala de “um artigo moderno”, ele está introduzindo uma expressão referencial no final do parágrafo em que, comumente, o produtor explicita a tese a ser defendida. Como vimos, o tópico introduzido só será retomado novamente pela expressão “isso”, que funciona como um encapsulador. Entretanto, apesar dessa retomada, a ideia central não é devidamente desenvolvida ao longo do texto, mas não faz com que o sentido do texto seja quebrado. Na verdade, o produtor busca, de certa forma, fazer certas relações entre as expressões referenciais apresentadas ao longo da superfície textual. Essa busca de sentido é que nos permite ativar, indiretamente, “um artigo moderno” a “inclusão digital”. Isso se confirma pelo fato de o produtor do texto ter apresentado no parágrafo introdutório que “um artigo moderno” seria uma das consequências de a população, embora consumista de certos produtos tecnológicos, não poder ainda ter certos artefatos, no caso “um artigo moderno”. Em seguida, no outro parágrafo, o autor diz que um dos motivos que fazem com que isso aconteça (a população não ter acesso a um artigo moderno) é o fato de o governo não ter interesse em fazer uma “inclusão digital”. Interessante notar que, mais adiante, em “tendo condições para compra-**los**”, o pronome oblíquo, mesmo estando no plural, será associado novamente a “um artigo moderno”, ficando claro que o produtor cometeu um equívoco no que tange às regras de concordância. Dessa maneira, a coerência textual se fez presente no texto por meio do entendimento das relações entre as expressões referenciais. Por isso, reafirmamos que a referenciação é um dos principais mecanismos que possibilitam a constituição do fenômeno da coerência textual.

A aposta excessiva em artimanhas inferenciais do leitor também foi encontrada em outra redação de nosso *corpus*, abaixo:

(6):

A tecnologia é algo que cresce à cada dia. Pessoas do mundo inteiro são dependentes desses recursos, mas a facilidade no uso destes aparelhos não está disponível para toda a sociedade.

A desigualdade social só aumenta, devido aos avanços. Pessoas de baixa renda não podem consumir estes produtos, tanto pelos preços, que são muito altos no mercado, quanto pelo grau de escolaridade.

A classe menos desenvolvida não tem acesso a cursos de informática, por exemplo, esses são caros e nem todos tem computador em casa, o que acaba prejudicando a aprendizagem.

A população mais pobre está atrasada, enquanto as crianças menos favorecidas estão tendo aula em lousa de giz, as mais favorecidas estão assistindo aula em lousa digital.

Os órgãos governamentais deveriam disponibilizar cursos gratuitos, onde o povo tivesse acesso à tecnologia e conseqüentemente fossem preparados para o mercado de trabalho. São essas iniciativas que iram melhorar a desigualdade social no Brasil (RED 10).

A forma como o texto é produzido nos faz buscar, logo nas primeiras linhas, uma relação de ancoragem entre a expressão referencial indireta, pois a expressão referencial “desses recursos” não possui um argumento direto, mas inferimos que se trata de recursos tecnológicos. Dessa maneira, podemos dizer que ocorre uma ancoragem indireta com a expressão referencial “a tecnologia”. Essa última expressão é a que aparece como tópico, logo na tese. Mas, se atentarmos bem, ela será retomada ao longo da superfície textual por “destes aparelhos” e, mais adiante, por “estes produtos”. Essas duas expressões se referem indiretamente a “a tecnologia” a partir do mecanismo inferencial de que estamos falando de aparelhos tecnológicos e que os produtos falados são produtos tecnológicos, o que só fará sentido na associação com a expressão “a tecnologia”. Importa observar, também, que a expressão “os avanços” também terá um processo de ancoragem similar aos já comentados. Na verdade, o produtor do texto omite uma série de informações que, provavelmente, ele julga desnecessárias, ou que podem ser facilmente retomadas. No caso, quando ele argumenta que “a desigualdade social só aumenta, devido aos avanços”, logo pensamos a partir de um jogo de inferência que os avanços de que o produtor está falando são tecnológicos, já que a tese a ser defendida no texto é que “a tecnologia” cresce a cada dia.

Observemos, agora, outra ocorrência de nosso *corpus*:

(7):

Nos últimos tempos o bullying vem sendo um assunto que ao longo dos dias aumenta o número de pessoas que sofrem dele. É uma forma que elas acharam de humilhar outras por meio de apelidos e agressões (RED. 14).

Se observarmos bem, o pronome “elas” só será entendido no texto, quando buscamos interpretá-lo a partir de uma anáfora direta com pessoas que causam o *bullying*. O emprego do pronome “elas”, como se o ser referente já estivesse aparecido, propicia uma quebra na continuidade referencial, tanto que uma leitura mais apressada pode causar ambigüidade e, conseqüentemente, uma contradição ao argumento apresentado, já que o produtor nos diz que “aumenta o número de pessoas que sofrem dele”, em que “dele” ancora diretamente “o bullying”; e, em seguida, o pronome “elas” inicia uma nova informação: “forma que elas acham de humilhar outras por meio de apelidos e agressões”, como se as pessoas sofressem e, ao mesmo tempo, praticassem o *bullying*. Dessa forma, “elas” está se relacionando indiretamente a pessoas que praticam o *bullying* e não às que o sofrem.

Sobre o uso das expressões referenciais no texto dos alunos, é importante uma reflexão sobre o que é “adequado” do ponto de vista normativo e o que seria “inadequado”. Como demonstramos, muitas expressões, se analisadas com o olhar da Gramática Normativa, seriam enquadradas como usos indevidos pelos produtores de um texto escrito. Entretanto, do ponto de vista linguístico, levando-se em conta o processo de geração dos sentidos, principalmente sob a ótica das relações existentes entre a referenciação e a coerência textual, as expressões contribuem para a coerência. Com efeito, esses usos proporcionam a quebra da continuidade do tópico desenvolvido, mas não referem diretamente o sentido do texto, pois a coerência é mantida.

CONCLUSÃO

Como se demonstrou, o uso das expressões referenciais em textos de alunos pré-universitários, em muitas situações, pode proporcionar a quebra da continuidade tópica, ferindo normas gramaticais da Gramática Tradicional, mas, do ponto de vista dos estudos de referenciação, são usos explicáveis. Ademais, demonstramos que o uso desses recursos, apesar de promover a ruptura de uma ideia, não interfere no sentido global do texto, promovendo a coerência textual.

Ficou evidente que os estudantes usam anáforas indiretas na constituição de sua argumentação, o que dificulta o processo de interpretação do corretor/leitor o qual, desse modo, acaba penalizando o estudante, quando se trata de processo seletivo, como é o caso do Enem, por exemplo. Nesse contexto, fica a sugestão de que outros trabalhos possam tentar provar quais os impactos que os processos referenciais causam no processo de correção da prova do Enem. Nesse sentido, o grande desafio seria observar como os processos referenciais são tratados na Matriz de Referências da Prova de Redação do Enem.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E. N. de. **O tópico discursivo nas dissertações de alunos do ensino médio**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2009.
- ANTUNES, M. I. **Aspectos da coesão do texto**: uma análise em editoriais jornalísticos. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.
- CAVALCANTE, M. M. **Referenciação**: sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- COSTA VAL, M. da G. **Redação e textualidade**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CUSTÓDIO FILHO, V. **Expressões referenciais em textos escolares**: a questão da (in) adequação. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- GARANTIZADO JÚNIOR, J. O. S. **Preliminares para a definição de coerência/coesão**. Dissertação (mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. **Processos de referenciação na produção discursiva**. Revista DELTA, São Paulo, v. 14, 1998.

MARCHUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.